

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO REINO DE DEUS – DE BARTH AOS DIAS ATUAIS History of God's Kingdom Theology - from Barth to the present day

Evandro R. Rojahn¹

RESUMO

O conceito de Reino de Deus desde os tempos de Jesus foi objeto de estudo de inúmeros teólogos e filósofos. É um tema impossível de ser ignorado. Os erros de interpretação gerados normalmente por um entendimento reducionista, fizeram com que esse conceito se tornasse abstrato e, muitas vezes, vazio de sentido. Cada indivíduo que estudou este conceito apresentou uma perspectiva limitada, pois não via o todo do conceito, apenas uma parte dele. Ao analisar o Reino como conceito, é possível traduzi-lo como o Governo de Deus. Mas não é possível dizer muita coisa a partir de uma definição tão simples. Não é possível compreender a amplitude do Reino de Deus ao estudá-lo apenas como conceito, é preciso elevá-lo ao nível de uma teologia por causa de sua abrangência teológica e temática. Entender o Reino de Deus apenas como conceito significa reduzi-lo e limitar seu alcance. Por isso este tema é analisado aqui como uma Teologia do Reino de Deus.

Palavras-chaves: Teologia do Reino de Deus. Reino de Deus. Interpretação. Ideologia. Politização.

ABSTRACT

The concept of the Kingdom of God has been the subject of study by numerous theologians and philosophers since the time of Jesus. It is a subject that cannot be ignored. The errors of interpretation usually generated by a reductionist understanding have made this concept abstract and often meaningless. Each individual who studied this concept

¹ Evandro R. Rojahn é licenciado em Artes Visuais, Letras e Filosofia. É bacharel em Teologia, pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada e Mestre em Teologia com ênfase em Leitura e Ensino da Bíblia. Atualmente é professor, pesquisador e escritor nas áreas de Teologia Bíblica e Filosofia. E-mail: teologiaevandro@gmail.com

presented a limited perspective, as he did not see the whole concept, only a part of it. By analyzing the Kingdom as a concept, it can be translated as the Ruling of God. But it is not possible to say much from such a simple definition. It is not possible to understand the breadth of the Kingdom of God by studying it only as a concept; it must be raised to the level of theology because of its theological and thematic scope. To understand the Kingdom of God only as a concept means to reduce it and limit its scope. For this reason, this theme is analyzed here as a theology of the Kingdom of God.

Keywords: Kingdom of God Theology. Kingdom of God. Interpretation. Ideology. Politicization.

INTRODUÇÃO

O Reino de Deus é um tema que dificilmente pode ser ignorado por um pesquisador sério. Ou o conceito é a base de uma teologia ou é uma referência para justificá-la e servir de apoio. Visto que o Reino de Deus apesar de ser um conceito que aparece na Escritura e, portanto, pertence ao âmbito da Teologia Cristã, foi tomado por filósofos cristãos ao longo da história e para estes foi empregado com um sentido alheio ao cristianismo, se faz necessário analisar o tema também na História da Filosofia a fim de pontuar cronologicamente o desenvolvimento do tema. O propósito deste artigo é justamente realizar essa pontuação cronológica do desenvolvimento do tema na história da teologia e da filosofia a fim de identificar seus desdobramentos e consequências.

Karl Barth, um teólogo acusado pelos teólogos conservadores de ser liberal demais ao passo que é acusado pelos liberais de ser muito conservador. O método da teologia de Karl Barth é a dialética, muito difundida a partir de Hegel. O Reino de Deus para Karl Barth será retomado quase que integralmente em termos escatológicos. Será o ponto de fuga para o qual se convergem todas as linhas da história humana. Será o ápice da própria história humana. O momento de realização plena e consumação desta era. Para Karl Barth o Reino de Deus é o propósito do próprio Deus.

Paul Tillich aborda o Reino de Deus diferentemente de Barth. Enquanto Barth vê o Reino como consumação final e, portanto, escatológica, Paul Tillich concebe uma interpretação mais próxima da humanidade, na própria história e acima dela. Deus está realizando seu Reino ao desenrolar o pergaminho da história. A ideologia socialista mais uma vez contamina a hermenêutica dando a ideia de que o Reino de Deus está de alguma forma ligado à própria história e próximo da sociedade civil. O Reino de Deus é correlacional à própria cultura. É como se o próprio Deus estivesse se realizando na cultura moderna. A perspectiva existencialista que força a Escritura a se ajustar a existência humana de forma filosófica, também muito difundida no século passado, é tomada pelos teólogos e filósofos com o propósito de ser o elo entre a Escritura e a sociedade. O ser humano nas ideologias totalitárias sempre é alguém somente na coletividade, não há liberdade individual, nem direitos individuais, tudo pelo Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado, esse era o mantra do Fascismo, muito presente nas ideologias de esquerda.

Rudolf Bultmann segue a linha teológica existencialista da mesma forma que Tillich. Bultmann, no entanto, entende o Reino como puramente escatológico. Rudolf Bultmann ficou

famoso no mundo acadêmico pelo seu infeliz programa de desmitologização, no qual ele propõe reinterpretar os mitos e lendas presentes no texto a fim de chegar ao núcleo dos ditos de Jesus. Joachim Jeremias é outro teólogo liberal que segue a linha de Bultmann. Jeremias emprega eufemismos para descrever a mesma conclusão sobre o Reino não ter chegado como previsto. Contudo, Jeremias, sugere um Reino em processo de realização. George Eldon Ladd vai apresentar uma Teologia Bíblica do Reino de Deus. Para George Eldon Ladd o Reino de Deus é o ponto de partida para toda a teologia. Do apreço que Ladd nutria pelo Reino de Deus emergiram diversas obras, muitas em língua portuguesa. O Reino de Deus é um tema central na teologia de Ladd. Sua teologia do Reino de Deus é equilibrada. Ladd trata da maioria dos desdobramentos históricos do Reino de Deus, porém, com a característica principal de não envolver filosofias e ideologias políticas na interpretação. Por isso sua abordagem é mais voltada à própria Escritura.

Jürgen Moltmann e Wolfhart Pannenberg são os defensores da Teologia da Esperança. Segundo eles o Reino de Deus, que será estabelecido na consumação desta era, projeta um sentimento de esperança no presente. A diferença entre ambos Moltmann e Pannenberg é novamente a questão da ideologia. Moltmann permanece ligado a uma aversão gritante da política hierárquica, enquanto Pannenberg se afasta da ideologia e se aproxima de uma teologia mais bíblica. Embora Pannenberg analise teológica e filosoficamente o aspecto político do Reino em relação ao Estado, sua teologia não corre o risco de se tornar politizada essencialmente. Como já era de se esperar, com a sedução das ideologias em vigência por todo o século XX, muitos teólogos e filósofos, protestantes e católicos se deixaram ludibriar pela expectativa de uma revolução social e econômica que, no final das contas, não passou de um grande embuste. As teologias feminista, negra e a falaciosa teologia da Libertação são evidências de uma hermenêutica que serve ao totalitarismo e a abolição da liberdade individual.

1. BARTH – O REINO TELEOLÓGICO

Karl Barth² (1886-1968)³ ao falar sobre o Reino de Deus, afirma que houve certa falha dos reformadores em compreender o aspecto escatológico desta realidade que é o Reino de Deus. Barth define o Reino de Deus como sendo a vida e o propósito do mundo que correspondem às intenções do Criador. Nesse sentido, o Reino de Deus seria a finalidade de toda a existência humana. O Reino de Deus é a defesa contra o mal que ronda o mundo. O Reino de Deus é a vitória derradeira sobre o pecado.⁴ É a reconciliação do mundo com Deus. Consequente ao Reino de Deus há uma nova vida, um novo céu e uma nova terra. São novos porque são admitidos na paz de Deus e envolvidos por ela.

² GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 83.

³ BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 7.

⁴ BARTH, Karl. **O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. Tradução de Josef Blustein. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 44.

Reino de Deus é a justiça de Deus. O fim e o propósito do mundo é a vinda do Reino. O Reino de Deus está acima das possibilidades humanas, pois aquilo que se pode fazer está ameaçado por um perigo. A vinda do Reino é totalmente independente do poder humano. A contribuição do homem para a vinda do Reino de Deus é a petição na oração. De acordo com Barth a oração pela vinda do Reino somente pode ser feita por alguém que conhece o Reino, e que, lá onde se ora, o Reino já tenha vindo. Isso significa que, na irmandade dos cristãos na qual se ora pela vinda do Reino, o Reino já veio. Barth vê em Jesus a vinda do Reino de Deus na qual, Deus reconciliou consigo o mundo. Isso significa que, para Barth, o Reino de Deus já veio, isto é, em Cristo, que é o fim e propósito de toda a humanidade, em toda sua profundidade, na totalidade da sua glória, sem qualquer atenuação nem reticência. Barth afirma que “anunciamos a palavra que se fez carne, anunciamos o Reino de Deus que veio”.⁵

Barth questiona sobre a necessidade de orar pela vinda do Reino. Se o Reino já veio, por que então se deveria orar pela sua vinda? Segundo Barth, aquilo que foi passado, que está atrás deste tempo, deve ser também o propósito, o futuro, pois o Cristo que foi, também voltará. É necessário orar pela vinda do Reino, pois o mundo, a igreja, a política, enfim, toda a realidade é como um pano que encobre o que realmente está por detrás, isto é, Cristo e o Reino de Deus. Daí a necessidade de clamar pela vinda daquilo que realmente é verdadeiro, o Reino de Deus. Barth entende o Reino de Deus, não como os reformadores entendiam, como uma igreja perfeita, antes, como o fim e o propósito de todas as coisas, a vinda do Reino de Deus é o fim de tudo que existe e a implantação de um novo estado de coisas. O Reino de Deus é a causa de Deus. Barth afirma: “que teu Reino venha, este Reino já veio”.⁶

2. TILlich – O REINO HISTÓRICO

O Reino de Deus na perspectiva de Paul Tillich (1886-1965)⁷ é algo que se desenvolve na história. Para ele, o Reino de Deus possui tanto um aspecto intra-histórico como trans-histórico, isto é, um Reino de Deus na história e acima dela. Paul Johannes Tillich era teólogo e filósofo protestante. Era filho de um pastor luterano e durante a segunda guerra mundial serviu de capelão no exército alemão. Tillich pertenceu ao movimento socialista⁸ cristão em Frankfurt e teve de fugir para os EUA⁹ quando os nazistas chegaram ao poder em 1933. O objetivo de Tillich em sua teologia era construir uma ligação entre a fé, a revelação cristã e a cultura¹⁰ moderna. Para isso desenvolveu um método próprio, o método de correlação ou “teologia da cultura”. Segundo esse método o conteúdo da revelação cristã¹¹ se apresenta

⁵ BARTH, 2003, p. 45.

⁶ BARTH, 2003, p. 48.

⁷ GONZÁLEZ, 2008, p. 616.

⁸ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 135.

⁹ MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 69.

¹⁰ HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013, p. 321.

¹¹ McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 495.

como resposta às questões existenciais modernas. Segundo Tillich, a correlação entre o cristão e o moderno não pode falsificar a revelação e nem as questões mais profundas da humanidade moderna. Por isso Tillich consta no rol dos teólogos existencialistas.¹²

Empregando o método de correlação, Paul Tillich aplicou o sentido da história e o Reino de Deus à correlação de diversos temas.¹³ O Reino de Deus para Tillich é indubitavelmente o estágio final de realização plena do ser humano. Isso significa que, semelhante a Barth, para Tillich o Reino de Deus é o propósito, o *telos* da humanidade. Tillich, provavelmente pelo apreço que nutria pelo socialismo, defendia que o ser humano somente se efetiva, isto é, se realiza plenamente como pessoa em comunidade. Mesmo quando há alguma peculiaridade, esta, só será efetivada coletivamente. Para ele, os portadores da história são unicamente grupos e o indivíduo isolado só é portador da história indiretamente. Isso é claramente uma perspectiva ideológica coletivista.¹⁴ Tillich acredita que a esfera política é essencial para a realização do indivíduo¹⁵ como pessoa. Ele afirma que o elemento de centralidade que caracteriza a esfera política torna-a um símbolo adequado para o alvo último da história que, segundo Tillich, é o Reino de Deus. Diante dessas e outras posições de Tillich torna-se inútil qualquer tentativa de livrar sua teologia do Reino de uma perspectiva altamente politizada. Para ele, o Reino de Deus em seu aspecto intra-histórico, se realiza politicamente.

Paul Tillich também defende a espacialidade do Reino de Deus. O Reino de Deus não pode ser entendido por meio de uma perspectiva espiritualizada. O Reino de Deus não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares em sentido trans-histórico. O lugar onde Deus governa não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares. Em certo trecho de sua Teologia Sistemática, Tillich cita possíveis respostas à pergunta pelo sentido da história. Tillich primeiramente emprega uma resposta “positiva” da ideologia progressista. Para Tillich o progressismo é uma interpretação genuinamente histórica da história.¹⁶ Mas a ideologia progressista já estava em colapso na época de Tillich. Outra ideia que nasceu da ideologia progressista é chamada por Tillich de utopismo. Segundo Tillich o utopismo é um progressismo com um alvo definido. Isto parece ser um tipo do ideal comunista¹⁷ utópico de Karl Marx.¹⁸

Longe de apresentar o Reino de Deus como manifestação moral (Kant) ou religiosa (Schleiermacher), Tillich correlaciona o Reino de Deus como um evento político na história e acima dela. Por causa do aspecto duplo (intra-histórico e trans-histórico), Paul Tillich entende que o Reino de Deus o símbolo mais importante e complexo do pensamento cristão, tanto para o absolutismo político quanto eclesiástico.¹⁹ Para explicar melhor o conceito de Reino de

¹² SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 40.

¹³ Razão e revelação, ser e Deus, existência humana e Cristo, etc.

¹⁴ TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 746.

¹⁵ TILLICH, 2005, p. 749.

¹⁶ TILLICH, 2005, p. 786.

¹⁷ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991, p. 202,203.

¹⁸ SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 142.

¹⁹ TILLICH, 2005, p. 790.

Deus como símbolo, Paul Tillich apresenta quatro características distintas.²⁰ A primeira característica do Reino de Deus é política. Para justificar essa característica, Tillich cita o Antigo Testamento como expressão do governo de Deus. Deus não apenas governa todas as coisas, mas governará também no final dos tempos quando sujeitar todos os seus inimigos. O âmbito do governo divino implica em um lugar de base. No Antigo Testamento esse lugar era o monte Sião, no futuro será o Novo Céu e a Nova Terra. O próprio termo “Rei” aplicado a Deus é usado para designar o mais elevado e consagrado centro de controle político.

A segunda característica do Reino de Deus é a conotação social. Para Tillich o Reino de Deus inclui ideias de paz e justiça. O Reino de Deus seria, portanto, a realização utópica de um reino de paz e justiça. Porém, o fato de ser o Reino “de Deus” liberta o Reino de seu aspecto utópico, pois, significa que há uma inviabilidade de realização terrestre, isto é, humana. Assim, apenas Deus poderia realizar esse ideal. Esse ideal de paz e justiça seria um imperativo moral. Em terceiro lugar Reino de Deus segundo Tillich também é personalista. Em contrapartida com filosofias que defendem o retorno do indivíduo e sua união como o “uno” na eternidade, o Reino de Deus confere ao indivíduo a realização de sua individualidade. Segundo Tillich, na eternidade cada ser se realizará individualmente.²¹

Por último o Reino de Deus também possui universalidade.²² Não seria um reino no qual apenas a humanidade se realiza, antes, a plenitude desse Reino abrange toda a vida. Segundo Tillich é isso que Paulo quer dizer quando afirma que “Deus será tudo em todos”.²³ Quando Cristo entregar o governo da história ao Pai, a história terá cumprido sua meta e Deus será tudo em todos. Tillich também acredita que o Reino de Deus possua elementos de imanência e transcendência. Mas defende, contudo, que o Reino não possa ser criado unicamente pelo elemento intra-histórico, isto é, realizado por meios terrestres. Tillich partilha de uma perspectiva corrente no século XX, de que o Reino de Deus deverá ser estabelecido por meio de catástrofes naturais, guerras, enfermidades etc. Essas coisas precedem o estabelecimento do Reino onde Deus será o governante das nações. Isso não ocorrerá por desdobramentos históricos, mas Deus mesmo intervirá no final deste *éon* e estabelecerá o Novo Céu e Nova Terra.²⁴

Tillich também acredita que as igrejas sejam representações do Reino de Deus, embora, todas as religiões na perspectiva de Tillich estejam no mesmo nível. Tillich acredita que o Reino de Deus mudo a história ao entrar nela.²⁵ Tillich fala positivamente do socialismo, do socialismo religioso, e incorpora em sua teologia aquele espírito de “antifascista bonzinho” que ocorreu na segunda guerra mundial, no qual os comunistas da antiga URSS se passaram

²⁰ TILLICH aponta quatro características do Reino de Deus como símbolo, a saber: Política, Social, Personalista e Universal (TILLICH, 2005, p. 791).

²¹ TILLICH, 2005, p. 791.

²² TILLICH, 2005, p. 791.

²³ 1 Coríntios 15. 23-28. In BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1135.

²⁴ TILLICH, 2005, p. 794.

²⁵ TILLICH, 2005, p. 806.

por “bonzinhos” ao empregar alguns exércitos na batalha contra Hitler.²⁶ Tillich usa uma perspectiva política progressista para afirmar que o Reino de Deus se realiza na história alcançando “algumas vitórias”. Segundo Tillich o Reino de Deus não está onde um governante trata seus governados como objetos, mas certamente está presente onde há democracia.²⁷ Tillich aponta que os “aristocratas hierárquicos” de forma alguma são expressões da vontade de Deus. Na medida em que ocorre o equilíbrio entra a centralização e a libertação do poder, significa que o Reino de Deus estaria superando as ambiguidades da vida. A despeito disso, Tillich revela grande incoerência ao afirmar que as igrejas não têm função de controlar os poderes políticos em nome do Reino de Deus ao mesmo tempo em que afirma que o Reino de Deus se realiza por meio de “vitórias” de uma suposta democratização.²⁸

Para concluir a perspectiva de Tillich, o autor ainda afirma que uma vitória do Reino de Deus pode criar uma unidade de tradição e revolução em que se supera a injustiça do crescimento social e suas consequências destrutivas. Isso remonta ao pensamento progressista de que o cristianismo deve se opor de forma revolucionária contra as injustiças sociais, como se a função do cristianismo fosse apenas isso. Na teologia marxista o Reino de Deus é apenas a necessidade fantasiosa de uma luta de classes. Parece que para os teólogos desta corrente os mais abastados não têm salvação. Tal perspectiva reduz o Reino de Deus a penas um aspecto social. Mas o Reino de Deus é muito mais complexo que isso.

3. BULTMANN – O REINO ESCATOLÓGICO

Rudolf Bultmann (1884-1976)²⁹ é considerado um dos maiores teólogos do século XX.³⁰ Foi professor em diversas instituições. Sua disciplina era especificamente Teologia do Novo Testamento. Também serviu como diácono de uma igreja luterana. A corrente bultmaniana é uma das principais discussões teológicas do século XX.³¹ Bultmann é conhecido principalmente por sua controversa³² proposta de “demitologização”.³³ Essa proposta pressupõe que o Novo Testamento está repleto de “mitos” e, portanto, para se chegar ao “núcleo das palavras de Jesus” deve-se demitologizar o texto bíblico. A demitologização consiste em interpretar³⁴ as narrativas que apresentam elementos míticos, isto é, todas as passagens que contém elementos sobrenaturais, contudo, sem eliminar o mito,³⁵ pois com isso correr-se-ia o risco de perder o kerigma. Nem é preciso mencionar que essa proposta de

²⁶ COURTOIS, Stéphane; [et al.]; com a colaboração de Rémi Kauffer [et al.]. **O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão**. Tradução Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018, p. 35.

²⁷ TILLICH, 2005, p. 815.

²⁸ TILLICH, 2005, p. 815.

²⁹ GONZÁLEZ, 2008, p. 134.

³⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 207.

³¹ GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Neto. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 34. Rosino Gibellini quando se refere a obra Novo Testamento e Mitologia de Bultmann emprega a figura de Manifesto da demitização.

³² McGRATH, 2005, p. 633.

³³ REALE e ANTISERI (1991, p. 746) empregam o termo correlato “demitização” e destacam a influência de Bultmann e seu método histórico morfológico também no campo da filosofia.

³⁴ GRENZ; OLSON, 2013, p. 104.

³⁵ HAGGLUND, 2013, p. 322.

Bultmann lhe rendeu muitas críticas desde a época de sua publicação até a atualidade. Sua contribuição para a hermenêutica, porém, é um marco importante na história da interpretação bíblica.³⁶ Seus questionamentos, contudo, não devem ser ignorados.

Sobre o Reino de Deus Bultmann também traz certa inovação. Visto que Bultmann acredita que existe um núcleo na tradição sinótica, isto é, um núcleo de ditos que realmente podem ser atribuídos a Jesus.³⁷ Um desses ditos é o Reino de Deus. Logo o Reino de Deus é um dito autêntico de Jesus. Bultmann analisa os ditos do Reino de Deus não apenas no Novo Testamento, mas emprega também seu uso e sua expectativa como é apresentada na literatura judaica, mais precisamente aquelas influenciadas pelo livro de Daniel. Essa interpretação judaica tardia postula que o Reino de Deus seria estabelecido por meio de uma catástrofe cósmica que, segundo Bultmann, colocaria fim em todo sofrimento e aflição.³⁸ Bultmann acredita que o Reino de Deus apresentado por Jesus não se cumpriu.³⁹ Parecia ser um tipo de fantasia da mente de Jesus.⁴⁰ Como Bultmann é um teólogo existencialista, o anúncio do Reino de Deus deve ter uma conotação ativa, isto é, relevância para os crentes da atualidade.

Segundo Bultmann, diante do anúncio do Reino de Deus (pregação escatológica) o indivíduo deve tomar uma decisão e esta decisão deve ser radical. Diante do anúncio do Reino de Deus o indivíduo deve escolher entre Deus e seu Reino e o mundo e seus bens, e essa escolha deve ser radical, integral e imediata.⁴¹ A decisão radical do indivíduo pelo Reino de Deus tornará sua existência autêntica. O Reino de Deus na perspectiva de Bultmann põe o ser humano em tensão.⁴² Ao mesmo tempo que o Reino como anunciado não se cumpriu, este mesmo Reino pode ser desfrutado na existência autêntica⁴³ do indivíduo. Essa posição de Bultmann ao ser duramente criticada por Oscar Cullmann deu origem a tensão escatológica do Reino de Deus denominada “já e ainda não”.⁴⁴ Foi largamente discutida por outros pesquisadores após Bultmann e ainda persiste na atualidade como uma das maiores controvérsias relacionadas ao Reino de Deus.⁴⁵

4. JEREMIAS – O REINO DE DEUS EM REALIZAÇÃO

Joachim Jeremias (1900-1979)⁴⁶ foi um teólogo alemão contemporâneo de Bultmann. Embora sua influência não seja tão ampla como a de Bultmann, seu trabalho é fundamental em pesquisas sobre o ambiente sociocultural da época de Jesus. Em sua Teologia do Novo

³⁶ MILLER; GRENZ, 2011, p. 49.

³⁷ MILLER; GRENZ, 2011, p. 50.

³⁸ BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 41.

³⁹ GRENZ; OLSON, 2013, p. 104.

⁴⁰ BULTMANN, 2008, p. 60.

⁴¹ BULTMANN, 2008, p. 46.

⁴² ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 75.

⁴³ GRENZ; OLSON, 2013, p. 109.

⁴⁴ MILLER; GRENZ, 2011, p. 63.

⁴⁵ OLSON, 2001, p. 475.

⁴⁶ GONZÁLEZ, 2008, p. 366.

Testamento, Jeremias dedica os primeiros capítulos a reconstruir o ambiente sociocultural de Jesus a fim de identificar o que ele chama de “voz real”,⁴⁷ isto é, o núcleo que compõe as palavras autênticas de Jesus. Jeremias era sem dúvidas um erudito notável. Seu trabalho era muito bem embasado em instrumentos de pesquisa, como por exemplo, teologia, filologia, história, geografia, arqueologia e línguas orientais.⁴⁸ Instrumentos que Jeremias dominava com maestria. Empregando tais instrumentos, Jeremias contribui significativamente para a busca do Jesus histórico, muito sedutora no século XX.

Sobre o Reino de Deus a contribuição de Jeremias torna-se um tipo de ponte para uma compreensão ainda mais ampla do tema. Jeremias constrói seu “Jesus histórico” e assinala, assim como inúmeros outros pensadores, que o Reino de Deus é o tema central⁴⁹ da proclamação pública de Jesus e, portanto, é *ipsissima vox*.⁵⁰ Jeremias, por meio de análise linguística, postula que o conceito de Reino desde o Antigo Testamento possui conotação dinâmica, isto é, indica propositalmente ação e movimento, nunca algo estático. O Reino de Deus é a soberania real de Deus em ação, basicamente é Deus reinando. Por isso Jeremias se refere ao Reino como o Reinado de Deus.⁵¹ Com base na literatura judaica analisada por Jeremias, é possível chegar a mesma conclusão de Bultmann, de que o Reino (Reinado) de Deus não veio por meio da catástrofe descrita em Daniel. Jeremias entende que certas coisas não ocorreram precisamente⁵² como eram esperadas. Mas o Reinado de Deus está se realizando.⁵³ Primeiramente o Reinado de Deus se opõe a soberania humana, bem como a qualquer outro tipo de soberania. Apenas o Reinado de Deus é uma soberania autêntica.⁵⁴ Este Reinado está se realizando à medida que Deus realiza seu ideal de justiça dando proteção aos desamparados.⁵⁵

5. LADD – O DOMÍNIO DE DEUS

George Eldon Ladd (1911-1982)⁵⁶ foi um importante teólogo e pesquisador do Novo Testamento do século XX. Empregou o Reino de Deus como chave para interpretar a escatologia em sua época. Ladd se decepcionou⁵⁷ com os pesquisadores e teólogos de sua

⁴⁷ Jeremias emprega o latim “*ipsissima vox*”.

⁴⁸ GONZÁLEZ, 2008, p. 366.

⁴⁹ JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 77.

⁵⁰ A expressão é traduzida por JEREMIAS como sendo a “Voz Real” de Jesus a fim de distingui-la dos ditos que não pertencem a Jesus, mas teriam sido atribuídos tardiamente. Em JEREMIAS, 2008, p. 69, o autor aponta as características da *ipsissima vox*.

⁵¹ ROJAHN, 2018, p. 58.

⁵² JEREMIAS, 2008, p. 202.

⁵³ KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 40.

⁵⁴ BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014, p. 334.

⁵⁵ JEREMIAS, 2008, p. 162.

⁵⁶ GONZÁLEZ, 2008, p. 408.

⁵⁷ Revista Impacto. Edição 66. Acesso em 19 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.revistaimpacto.com.br/biblioteca/o-reino-de-deus-como-chave-escatologica/>

época por não o incluírem nos principais círculos teológicos do século XX. Sua compreensão do conceito de Reino de Deus lhe rendeu diversas obras, algumas delas traduzidas para o português. Seria desonroso escrever sobre o Reino de Deus e ignorar a contribuição de Ladd. Praticamente todas as obras de Ladd trazem observações sobre o Reino de Deus. Em língua portuguesa, porém, duas merecem destaque; *O Evangelho do Reino*⁵⁸ e *Teologia do Novo Testamento*.⁵⁹ Essas duas obras foram estruturadas em torno do conceito de Reino de Deus. Ao definir o conceito de Reino, Ladd se depara com um problema altamente complexo, a enorme quantidade de informações sobre o tema o torna quase impossível de ser conceituado.⁶⁰

Ladd esclarece diversos pontos importantes sobre o Reino de Deus. Ele parte dos pontos empregados anteriormente por Bultmann e Jeremias sobre a literatura judaica e a interpretação de Daniel sobre o estabelecimento do Reino por meio de uma catástrofe cósmica que, de fato, não ocorreu. Isso não significa que o Reino de Deus não tenha vindo em Jesus, antes, apenas ressalta a necessidade de conciliar as passagens que tratam do tema como presente e futuro a fim de compreender como isso ocorrerá. A interpretação judaica de que o Reino de Deus seria estabelecido por meio de uma catástrofe apenas surgiu como opção após se esvaír a expectativa anterior de que o Reino seria um governo terreno de um descendente de Davi.⁶¹ Duas expectativas que não ocorreram como esperado.⁶² Na teologia de Ladd, a dualidade temporal não constitui problema,⁶³ antes, tenta conciliar o Reino como presente e futuro simultaneamente. O Reino foi inaugurado em Cristo e será estabelecido plenamente no futuro. Ladd também esclarece que não há diferença entre as expressões Reino de Deus e Reino dos Céus.⁶⁴ Isso é apenas uso de metonímia e circunlóquio, o que torna as duas expressões sinônimas.

Outro ponto importante é o distanciamento substancial entre o Reino de Deus e a Igreja. Desde Agostinho o Reino de Deus⁶⁵ estava associado de alguma forma com a igreja.⁶⁶ Dessa forma o crescimento da igreja implica em crescimento do Reino. A igreja pode ser considerada como composta pelo povo de Deus. A afirmação de que o Reino e a Igreja são idênticos não possui o mínimo de respaldo bíblico. Essa concepção que associa o Reino de Deus à igreja gerou inumeráveis confusões em séculos passados. Vale mencionar a confusão política gerada por essa compreensão inadequada do Reino de Deus. Quando a igreja é associada ao Reino de Deus, ela (a igreja) se vê como entidade imbuída de autoridade capaz de impor a religião

⁵⁸ LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Sheed, 2008.

⁵⁹ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

⁶⁰ LADD, 2008, p. 15.

⁶¹ CARAGOUNIS, Chrys C. In: REID, Daniel G. (Edit). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 1063.

⁶² ROJAHN, 2018, p. 64.

⁶³ GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 423.

⁶⁴ LADD, 2003, p. 90.

⁶⁵ LADD, 2008, p. 16.

⁶⁶ LADD, 2003, p. 84.

como norma. Isso torna o cristianismo banal. Pode se dizer que após esse tempo de confusão, a relação entre Igreja e Estado foi abalada de tal forma que ainda hoje há diversas dificuldades em tentar conciliar essas duas entidades.⁶⁷ A igreja é composta pelo povo de Deus, mas em hipótese alguma deve ser considerada o Reino de Deus. Visto que o Reino de Deus gerou a igreja, é anterior e mais elevado que ela.

6. MOLTMANN – O REINO COMO ESPERANÇA

Jürgen Moltmann (1926-)⁶⁸ é considerado o fundador da Teologia da Esperança.⁶⁹ Considerando que na década de 1960 tanto a Europa como os Estados Unidos assistiram ao surgimento de uma explosão de otimismo em relação ao futuro da humanidade,⁷⁰ a Teologia da Esperança surge como resposta a esses anseios. Essa teologia consiste basicamente em entender a esperança como cerne do cristianismo,⁷¹ sendo o “Reino da Glória⁷² de Deus” o alvo de tal esperança.⁷³ Moltmann está correto ao empregar o Reino de Deus como a esperança principal cristianismo. Sobre o Reino de Deus, contudo, Moltmann se precipita e cria certa confusão. Primeiramente sua perspectiva sobre o Reino de Deus é unilateral, o Reino corresponde a uma esperança escatológica que se projeta no passado e no presente e molda o cristianismo. Sabe-se que uma percepção mais adequada do Reino de Deus permite a dualidade temporal, o Reino presente e futuro.

Todavia o problema principal da perspectiva de Moltmann é sua análise do Reino de Deus na Trindade a partir de Joaquim de Fiore.⁷⁴ A partir da concepção linear de Reino em Fiore, Moltmann cria uma concepção de Reino de Deus distinguindo drasticamente as pessoas da trindade e atribuindo a cada uma delas um reino distinto por meio de saltos qualitativos. Parece que o Reino de Deus passa por um processo de instalação e se desenvolve a medida que um membro da trindade passa ao próximo membro a tarefa que lhe foi confiada.⁷⁵ Dessa forma o reino⁷⁶ do Pai consiste na criação de um mundo que se abre para o futuro, essa abertura para o futuro culmina no reino da glória.⁷⁷ O Pai governa abrindo espaço para a liberdade das criaturas. O reino do Filho é um reino cristiforme. Consiste e libertação para a liberdade. Tal liberdade é mais sentida no reino do Espírito. Pela presença de “Deus em nós” o homem passa a ser amigo de Deus. O reino da glória é o estágio final no qual ocorre a consumação da criação do Pai.

⁶⁷ GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25-76.

⁶⁸ GONZÁLEZ, 2008, p. 476.

⁶⁹ REALE; ANTISERI, 1991, p. 759.

⁷⁰ McGRATH, 2005, p. 635.

⁷¹ GRENZ; OLSON, 2013, p. 205.

⁷² GIBELLINI, 2012, p. 290.

⁷³ MILLER, 2011, p. 129.

⁷⁴ MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 208.

⁷⁵ MILLER, 2011, p. 139.

⁷⁶ Reino empregado com inicial minúscula para evidenciar desacordo com a concepção de Moltmann.

⁷⁷ MOLTMANN, 2011, p. 213.

Com relação à liberdade no Reino de Deus, Moltmann acredita que no reino do Pai, sendo Senhor das criaturas, o homem é propriedade de Deus. No reino do Pai o homem é tido como “servo de Deus”. No reino do filho o homem deixa de ser servo e passa a ser filho de Deus. Ocorre em cada “estágio do reino” uma transformação qualitativa (reino do Pai: servos; reino do Filho: filhos; reino do Espírito: amigo etc.). No reino do Espírito o homem passa a ser amigo de Deus. Moltmann conclui que a liberdade dos servos, a liberdade dos filhos e a liberdade dos amigos de Deus refletem a história do Reino de Deus. Para Moltmann esses saltos qualitativos são etapas de uma caminhada, são níveis no conceito de liberdade.⁷⁸ A liberdade plena é desfrutada apenas no “reino da glória”.⁷⁹ Essa perspectiva é inadequada, pois trata-se de uma concepção imposta que, mesmo citando alguns textos no intuito de abalar sua doutrina, Moltmann decai na heresia do triteísmo,⁸⁰ visto que, a Bíblia fala do Reino divino como sendo o “Reino de Deus” e, mesmo que a regência passe temporariamente por Jesus, este Reino continua sendo o Reino de Deus. Este Reino de Deus em passagem alguma da Escritura é apresentado como saltos qualitativos de liberdade.

Talvez a causa principal dessa concepção inadequada de Moltmann sobre o Reino de Deus tenha ocorrido pela politização do conceito. O Reino de Deus foi analisado por Moltmann tendo como base hermenêutica a ideologia marxista⁸¹ de Ernest Bloch.⁸² Moltmann conduz uma verdadeira difamação⁸³ do poder e da hierarquia, o que ele chama de monoteísmo político e monoteísmo clerical.⁸⁴ Moltmann nutria clara intenção política ao discorrer sobre a trindade e o Reino de Deus.⁸⁵ Talvez sua intenção fosse positiva, contudo, ao empregar uma hermenêutica politizada acabou torcendo o conceito do Reino de Deus e sacrificando a verdade bíblica no altar da ideologia marxista. A antipatia social e política de Moltmann para com a hierarquia distorceu sua abordagem do Reino de Deus e decaiu em um tipo desequilibrado de triteísmo.⁸⁶ Esse é o perigo de se interpretar a Bíblia por meio de ideologias

⁷⁸ MOLTMANN, 2011, p. 222.

⁷⁹ GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

⁸⁰ GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

⁸¹ Em Trindade e Reino de Deus Moltmann emprega diversas vezes conceitos e linguagem típicos do marxismo. Ele critica a *monarquia* do Deus único (p. 202), afirma que ao Deus uno e trino não corresponde a monarquia de um dominador, mas sim a comunidade de homens sem privilégios e sem sujeições (p. 203). Critica também o poder e a posse (p. 204). Fala da socialidade das pessoas divinas (p. 204), do aspecto social dos homens (p. 204), supõe que sua proposta trinitária pode acabar com a antítese entre personalismo e socialismo (p. 205). Cita diretamente Karl Marx e o comunismo para defender sua concepção de reino da liberdade (p. 211, 212). Fala do reino da liberdade empregando o fantasioso conceito marxista da luta de classes (p. 217, 219). Critica o liberalismo burguês e a luta pelo poder e pela propriedade (p. 218). Fala em função social, sociedade burguesa e defende explicitamente o coletivismo em detrimento da liberdade e direitos individuais como caminho para a verdadeira liberdade (p. 220).

⁸² GIBELLINI, 2012, p. 288.

⁸³ GRENZ; OLSON, 2013, p. 217.

⁸⁴ MOLTMANN, 2011, p. 208.

⁸⁵ GRENZ; OLSON, 2013, p. 207. GIBELLINI, 2012, p. 296.

⁸⁶ GRENZ; OLSON, 2013, p. 219.

viciadas⁸⁷ que, no fim das contas, revelam um tipo de pensamento errôneo, uma falsificação da realidade.⁸⁸

7. PANNENBERG – O REINO FUTURO

Wolfhart Pannenberg⁸⁹ (1928-2014)⁹⁰ estudou teologia e filosofia e está entre os mais importantes pensadores do século XX. Sua primeira impressão sobre o cristianismo foi negativa,⁹¹ oriunda da leitura de uma obra de Nietzsche.⁹² Pannenberg mudou de concepção mais tarde após um breve contato com um professor cristão que havia sido membro da igreja confessante durante o Terceiro Reich. Isso despertou o interesse pelo cristianismo diante da necessidade de conhecê-lo com maior profundidade. No início de seus estudos ficou fascinado pelo marxismo, mas (diferentemente de Moltmann) logo rejeitou a alternativa marxista, pois, o marxismo não resiste a um teste intelectual mais rigoroso.⁹³ Pannenberg, após observar os efeitos do Comunismo de Stálin e o Nazismo de Hitler, ficou convencido de que nenhum sistema político humano jamais seria capaz de produzir uma estrutura social perfeita.⁹⁴ Apenas o Reino de Deus futuro e glorioso é capaz de produzir a paz social perfeita. Daí a aproximação de Pannenberg e Moltmann por meio da Teologia da Esperança.⁹⁵

A teologia do Reino de Deus na perspectiva de Pannenberg é expressa com amplitude no terceiro volume de sua Teologia Sistemática. Primeiramente Pannenberg trata de distinguir a Igreja do Reino de Deus. Para Pannenberg a igreja historicamente se equivocou ao associar e assimilar-se ao Reino de Deus. A distinção ocorre entre o sinal e a coisa em si.⁹⁶ O Reino de Deus é a coisa em si, o governo de Deus que se revelará plenamente no futuro, mas que já irrompe. A igreja é o sinal concreto do Reino de Deus através de sua proclamação e vida de celebração.⁹⁷ A igreja é composta pelo povo que detém a missão de proclamar o Senhorio de Deus, de dizer a todos que Deus Reina. A ceia é a comunhão entre os salvos que serve de sinal da comunhão final de todos os salvos na celebração das bodas do Cordeiro.

Pannenberg também analisa a relação da Igreja com o Estado por meio do conceito de Reino de Deus, nesse caso, Senhorio de Deus. A relação entre o Reino de Deus e o Estado se dá pela incumbência de assegurar o direito e a paz na convivência dos seres humanos. De

⁸⁷ Esse mesmo vício ideológico de torcer os fatos para se adequarem à ideologia do pesquisador pode ser percebido em CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

⁸⁸ KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas**. Tradução de Lucas G. Freire. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25.

⁸⁹ GONZÁLEZ, 2008, p. 513.

⁹⁰ MILLER, 2011, p. 145.

⁹¹ GRENZ; OLSON, 2013, p. 220.

⁹² Nietzsche culpava o cristianismo pela situação catastrófica do mundo atual. Isso influenciou negativamente a percepção de Pannenberg.

⁹³ McGRATH, 2005, p. 461.

⁹⁴ GRENZ; OLSON, 2013, p. 221.

⁹⁵ MILLER, 2011, p. 152.

⁹⁶ PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. V. 3. Tradução de Werner Fuchs. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 90.

⁹⁷ PANNENBERG, 2009, p. 70.

acordo com Pannenberg o Estado visa assegurar essa convivência de forma temporária e secular, mas apenas o Reino de Deus irá concretizar de forma definitiva o direito, a paz e a comunhão entre os seres humanos. É necessário considerar que jamais houve um governo humano perfeitamente justo e, evidentemente não haverá. As tensões e injustiças dos governos geram insatisfação e angústia. Essa angústia alimenta a esperança do Reino de Deus, pois apenas no Governo de Deus haverá plenamente o direito e a paz entre os seres humanos. Pannenberg faz uma sucinta análise história da Teologia Política.

Pannenberg considera que desde o início das instituições políticas, o governante estava associado a divindade. Era um tipo de representante da divindade e, devido a isso, seu governo era divinamente aprovado. No antigo Testamento é possível observar que Reis como Davi e Salomão poderiam ser entendidos dessa forma. Assim, Deus Reinava por meio do rei humano. Pannenberg também considera o Reino de Deus como iniciado na pessoa de Jesus. Ao anunciar que o Reino de Deus está chegando, Jesus relativiza toda a ordem política humana.⁹⁸ Pannenberg considera que a existência de direitos humanos constitui uma recordação de que a ordem jurídica estatal ainda não é nem pode ser a realização da justiça do Reino de Deus. Em outras palavras, nenhuma ordem política, jurídica ou ideológica pode arrogar para si a possibilidade de estar realmente cumprindo o Reino de Deus. O Reino de Deus não será estabelecido por nenhuma ordem política, jurídica ou ideológica humana. Quem estabelece o Reino de Deus é o próprio Deus.

Pannenberg acredita que o Reino de Deus é a consumação final do homem, individual e coletivamente. Deus estabeleceu um alvo para todas as suas criaturas, esse alvo alcançará a consumação no estabelecimento do Reino de Deus. Pannenberg entende que a maior parte das aflições humanas decorrem da falta de reconhecimento mútuo entre elas. De forma que, do reconhecimento mútuo emerge a paz entre os povos.⁹⁹ Segundo Pannenberg a insistência das instituições políticas em implementar o direito é decorrente dessa falta de reconhecimento mútuo. Pannenberg afirma que, para que haja uma sociedade livre de discórdias, seria necessária uma intervenção direta de Deus no coração dos indivíduos, para que deixassem valer um ao outro se perdoassem e se apoiassem mutuamente. Evidentemente tal coisa somente pode ser concretizada por Deus em seu Reino. É justamente daí que brota a necessidade do homem de seguir para um alvo escatológico.

A esperança pelo Reino escatológico de Deus já contém a ideia da reconciliação do indivíduo com a sociedade.¹⁰⁰ Segundo Pannenberg as instituições políticas e ideologias humanas jamais poderiam reconciliar o homem com a sociedade de maneira perfeita. Mesmo um governo terreno não poderia reconciliar o homem com a sociedade humana em geral, pois os mortos não poderiam ser reconciliados desta forma, apenas os vivos. Daí a necessidade de ressurreição dos mortos para a reconciliação escatológica. Essa participação na consumação escatológica é positiva para alguns e negativa para outros. Para alguns significa o cumprimento dos anseios na vida eterna, para outros significa aflição eterna por causa de sua

⁹⁸ PANNENBERG, 2009, p. 89.

⁹⁹ PANNENBERG, 2009, p. 764.

¹⁰⁰ PANNENBERG, 2009, p. 766.

conduta contraditória na terra. Portanto, para Pannenberg, a consumação escatológica do Reino de Deus implica na reconciliação do homem com a sociedade humana.

Pannenberg refaz o caminho filosófico da dupla concepção do *eschaton*¹⁰¹ como fim e consumação da história. O *eschaton* deixa de ser um problema quando se entende que não o nada, mas o próprio Deus é o fim e a consumação da própria história temporal da mesma forma que o finito é limitado pelo infinito, assim o tempo e a temporalidade são limitados pela eternidade. O *eschaton* não representa o estabelecimento do nada, antes é o fim de uma era e sua consumação que representa a transição para a eternidade.¹⁰² Dessa forma o Reino escatológico de Deus é o *eschaton*.

Pannenberg também analisa a relação do tempo com a eternidade e como se dará essa transição. O tempo é captado pela alma humana de forma fragmentária. A lei da entropia indica ao homem a proximidade de seu fim com a chegada da morte. Novamente o Reino de Deus é a solução para esse problema temporal. Em Deus não ocorre a finitude, pois ele é anterior à própria eternidade. Com a vinda de Jesus, a eternidade de Deus invadiu a temporalidade fragmentária, o Reino de Deus é a eternidade de Deus. Os indivíduos podem participar da eternidade de Deus, isto é, da realidade do Reino de Deus aceitando sua mensagem e se abrindo para a atuação dele. Mas a realidade eterna de Deus é mais elevada que o tempo e o homem comum, embora possa desfrutar parcialmente das benesses da eternidade, não pode fazer parte da eternidade sem que seja transformado. Daí a necessidade de haver uma transformação do corpo finito e seu revestimento pela eternidade. Homens comuns não podem ver a Deus como ele é, isso ocorre apenas na eternidade de Deus. Para viver a eternidade, todos terão de passar pela transformação daquilo que é temporal e sujeito a entropia.

8. ATUALIDADE – O REINO POLITIZADO

Além da diversidade de concepções históricas sobre o Reino de Deus, surge no cenário da atualidade a Teologia Negra, Latino-Americana (Teologia da Libertação) e Teologia Feminista. Cada uma com suas peculiaridades. A Teologia da libertação surge das posições de Gustavo Gutiérrez propostas na conferência de Medellín no final da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70. Embora seja comum entender as bases da teologia da libertação ligadas a Johannes Metz e Jürgen Moltmann. Metz é o precursor da teologia política e Moltmann é expoente da teologia da esperança. Essas duas teologias já foram analisadas anteriormente e possuem forte conotação política. A Teologia da Libertação alega se posicionar “ao lado dos pobres”. Foi questionada e exposta por Joseph Ratzinger em 1984. Ratzinger aponta dois problemas cruciais na teologia da libertação; a) sua base ideológica marxista¹⁰³ e b) sua afirmação como igreja popular. Ratzinger acusa a teologia da libertação de aceitar acriticamente a ideologia marxista e de criar um tipo de igreja alternativa paralela

¹⁰¹ *Éschaton* significa fim, o fim desta era e da história que nela transcorre. Assim, o Reino de Deus não vem pelo curso da história, mas como fim da história (PANNENBERG, 2009, p. 768).

¹⁰² PANNENBERG, 2009, p. 777.

¹⁰³ MILLER, 2011, p. 171.

a institucional. No Brasil o expoente da Teologia da Libertação é Leonardo Boff. A força propulsora da Teologia da Libertação seria a luta¹⁰⁴ em defesa dos marginalizados.¹⁰⁵

Arraigada na longa história dos negros na América do Norte, principalmente nas atuações de Martin Luther King Jr. e do surgimento do movimento do poder negro, a Teologia Negra começa a ganhar forma entre 1966 e 1969. A Declaração sobre a Teologia Negra ou Declaração de Atlanta, promulgada em 13 de junho de 1969 articula a Teologia Negra em quatro pontos fundamentais; a) a Teologia Negra é produto da reflexão de cristãos negros e, portanto, afirma sua identidade. b) A Teologia Negra é uma teologia da libertação negra em relação à opressão dos brancos. c) A Teologia Negra confronta-se com temas pertencentes à realidade da opressão negra. d) Assumir o risco à vida da comunidade negra ao afirmar sua humanidade, dignidade e personalidade negra. A tese principal da Teologia Negra é: “Deus é Negro”! Isso pode significar que Deus fez da condição dos negros sua própria condição. Em 1975 os teólogos negros reconheceram a necessidade de assumir a análise social como instrumento de elaboração teológica. Assim, a Teologia Negra passa a empregar também a base marxista em sua teologia.¹⁰⁶

A Teologia Feminista tem seus primórdios com Rosemary Ruether paralelamente à Teologia Negra e a Teologia da Libertação. Segundo Ruether a força propulsora da teologia feminista é a experiência feminina da opressão por um sistema social machista e patriarcal.¹⁰⁷ Para justificar suas posições, Ruether emprega o método de correlação de Tillich e recorre sobretudo a religiões pagãs, movimentos periféricos e filosofias contemporâneas, principalmente o tratado de Simone de Beauvoir.¹⁰⁸ Assim, a própria Teologia Feminista passa a empregar também os conceitos da ideologia marxista.

Ao submeter essas três teologias (libertação, negra e feminista) ao conceito de Reino de Deus será possível perceber o quão ideológicas são e o quão distantes estão do cristianismo autêntico. Essas três teologias são exclusivistas como qualquer ideologia moderna, são unilaterais, e não cristãs. Elas não se localizam no Reino de Deus e sim no reino das ideologias puras.¹⁰⁹ Seria realmente possível explicar ou mesmo corrigir o cristianismo empregando um método oriundo de uma ideologia totalitária e antirreligiosa como é o marxismo? A resposta é certamente um estridente “Não”!

O problema é que as ideologias leem toda a realidade por meio de uma só ideia central, negando a possibilidade de que qualquer conhecimento genuíno seja alcançado por meio de experiência, à parte dessa ideia.¹¹⁰ A universalidade do cristianismo¹¹¹ é o principal obstáculo a essas três teologias ideológicas. O Reino de Deus é singular, isto é, um mesmo Reino composto por pobres, ricos, negros, brancos, homens e mulheres, todos governados pelo

¹⁰⁴ GIBELLINI, 2012, p. 354.

¹⁰⁵ MILLER, 2011, p. 168.

¹⁰⁶ GIBELLINI, 2012, p. 413.

¹⁰⁷ MILLER, 2011, p. 185.

¹⁰⁸ GIBELLINI, 2012, p. 416.

¹⁰⁹ MILLER, 2011, p. 199.

¹¹⁰ KOYZIS, 2014, p. 24.

¹¹¹ A afirmação de Deus a Abraão de que nele “seriam benditas todas as famílias da terra” (Gn 12); a afirmação do amor universal de Deus pela humanidade declarado em João 3.16.

mesmo Deus. O verdadeiro teólogo nasce da Escritura¹¹² e não de ideologias totalitárias e assassinas. Estudar o cristianismo por meio de ideologias é corrompê-lo miseravelmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Barth apresenta uma avaliação cuidadosa e equilibrada sobre o Reino de Deus. Suas afirmativas são acertadas e possuem fundamento sólido quando analisadas por meio da Teologia Bíblica. Como Karl Barth fornece uma perspectiva teleológica do Reino de Deus, fica evidente em uma leitura inicial o forte apelo escatológico. A escatologia do Reino de Deus é um dos temas fundamentais da Teologia do Reino de Deus, pois é esta característica do Reino que representa o futuro, a esperança, a consumação. É a expectativa da vinda do Reino de Deus que estimula a missão cristã no mundo. Já houve uma vitória inicial decretada e executada de Cristo sobre o pecado e, o estabelecimento do Reino de Deus será o golpe final, pois extinguirá a morte juntamente com toda a oposição a Deus. Karl Barth acredita que o Novo Céu e Nova Terra é consequente ao Reino de Deus. Pode se dizer que, o Reino Milenar é uma demonstração do Governo de Deus sobre crentes e descrentes e, o Novo Céu e Nova Terra é o estabelecimento pleno deste estado de Glória. É o Reino de Deus sendo estendido para a eternidade.

O Reino segundo Karl Barth é a execução da justiça divina que é a base do Trono de Deus.¹¹³ Também a petição do Pai Nosso pela vinda do Reino de Deus somente pode ser realizada por alguém que já conhece o Reino. São aqueles que estão no Reino que pedem pela vinda do Reino. Segundo Barth a petição pela vinda do Reino é a única contribuição do cristão para o Reino de Deus. Na verdade, não é a única, mas uma das contribuições. Visto que o cristão já é cidadão do Reino de Deus, sua vida já é uma contribuição para o Reino. O sentido destas palavras de Barth é que o Reino de Deus absolutamente não pode ser estabelecido pelo homem. Nisso ele está completamente certo. Nenhum homem, grupo, partido político ou ideologia pode estabelecer o Reino de Deus. Todas as ideologias prometem liberdade ou igualdade, mas seu produto final é a fome, escravidão e morte. O mundo perfeito com a sociedade perfeita só pode ser realizado por Deus. O Reino em Barth possui maior destaque em escatologia, mas há um aspecto presente do Reino, na vinda de Cristo. A vinda de Cristo foi a vinda do Reino. Anunciamos a Cristo, anunciamos o Reino que já veio. Nos bastidores da realidade história está o Reino de Deus. Tudo que Deus fez e está fazendo converge para o estabelecimento do seu Reino.

Se em Barth o Reino está por detrás das cortinas da história, na teologia de Paul Tillich o Reino se realiza na própria história e acima dela. Paul Tillich fez parte de um grupo de “cristãos socialistas” em Frankfurt. Isso já fornece uma visão inicial do que será sua teologia. É uma insanidade pensar que um indivíduo possa concretamente ser cristão ao mesmo tempo que é socialista, comunista, nazista, fascista, etc. As ideologias, grosso modo, são falsas

¹¹² COMENIUS. **Didática Magna**. Aparelho crítico Marta Fatori; Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 20.

¹¹³ Salmos 89.14.

religiões baseadas em esquemas racionais puramente humanos.¹¹⁴ As ideologias deixam claro sua tara de sempre perseguir ou os judeus ou os cristãos.¹¹⁵ Richard¹¹⁶ Wurmbrand¹¹⁷ que o diga.¹¹⁸ O próprio Marx, idealizador do comunismo¹¹⁹ era contra a religião cristã. As quatro ideologias mais insanas do século XX, (fascismo,¹²⁰ comunismo,¹²¹ nazismo e socialismo¹²²)¹²³ são derivadas do pensamento totalitário de Marx.¹²⁴ Diante desse sincretismo, a teologia de Tillich tende a se adequar a ideologia vigente.

O Reino de Deus é interpretado por Tillich como se desenvolvendo historicamente em direção a um ápice, como fora visto em Barth. Tillich, na perspectiva socialista, acredita que o ser humano se realiza coletivamente. O Reino de Deus seria uma realização coletiva, uma comunidade que se realiza politicamente. O sentido trans-histórico¹²⁵ do Reino de Deus coloca o Reino de Deus com um aspecto acima da própria história simultaneamente. Para Tillich o Reino de Deus não é moral, nem religioso, é apenas político ou, no caso dele, politizado. Tillich vê a igrejas como manifestações do Reino de Deus. O Reino de Deus se realiza na história humana por meio de conquistas temporais, as vitórias da democracia seriam exemplos disso. A palavra “democracia” para os progressistas (comunistas, socialistas, enfim, a esquerda em geral) somente é usada para suas próprias políticas. Se eles estão no poder é democracia, se eles não estão é golpe contra a democracia. Por fim, a função do cristianismo é puramente social, aquele desgastado mantra da esquerda de “lutar contra as injustiças sociais”.

Rudolf Bultmann traz o Reino novamente para a Teologia Bíblica afastando-o assim das lutas sociais e da política em si. Bultmann é liberal e existencialista em sua teologia. Apresenta o Reino de Deus como puramente escatológico, contudo, pela filosofia existencialista, ele põe a o convite do Reino para agora, nesse tempo. O convite do Reino de Deus é extremamente radical, o indivíduo tem de escolher imediatamente entre o Reino de Deus e as trevas, entre Deus e o diabo, entre o céu e o inferno. A resposta ao convite deve ser igualmente radical. A

¹¹⁴ KOYZIS, 2014.

¹¹⁵ WURMBRAND, Michael. **Cristo ou a bandeira vermelha**. Equipe de tradução Voz dos Mártires. São Paulo: Voz dos Mártires, 1982.

¹¹⁶ WURMBRAND, Richard. **Torturado por amor a Cristo**. Tradução de Aquias Valasco. 11.ed. Curitiba: A Voz dos Mártires, 2005, contracapa.

¹¹⁷ WURMBRAND, Richard. **Era Karl Marx um satanista?** Tradução de Márcio E. Blay e A. Parisi. São Paulo: Lux, 2013, p. 107.

¹¹⁸ Richard Wurmbrand era um pastor evangélico romeno capturado e torturado pela polícia secreta comunista. Basta ler algumas de suas obras para perceber de maneira vívida a incompatibilidade entre o cristianismo e o comunismo.

¹¹⁹ MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

¹²⁰ MISES, Ludwig Von. **Caos planejado: intervencionismo, socialismo, fascismo e nazismo**. Tradução de Beatriz Caldas. São Paulo: LVM, 2017.

¹²¹ KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do Comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE, 2019.

¹²² HAYEK, Friedrich A. Von. **Os erros fatais do socialismo**. Tradução de Eduardo Levy. Barueri: Faro, 2017.

¹²³ WILLIAMSON, Kevin D. **O livro politicamente incorreto da esquerda e do socialismo**. Tradução de Roberto Fernando Muggiati. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

¹²⁴ D’SOUZA, Dinesh. **A grande mentira: expondo as raízes nazistas da esquerda**. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.

¹²⁵ Tillich emprega uma linguagem hermética por toda sua teologia. Sabe-se lá Deus com que propósito.

ética sem lei apresentada por Bultmann sugere, na verdade, uma ética de alto contexto,¹²⁶ além da ética comum. O que sugere ao cristão uma ética concreta não puramente enraizada no dogma e sim no relacionamento direto com Deus. Essa ética é excepcional, pois é capaz de fundamentar o relacionamento dos patriarcas anteriores a própria lei escrita. Joachim Jeremias segue a linha interpretativa de Bultmann, diferenciando apenas a abordagem que faz do “Jesus histórico” que recebe muita atenção em sua Teologia do Novo Testamento. Jeremias vê o Reino em Realização no exercício dos sinais, tais como, curas, libertações, etc. Mas o Reino em si tem sua realização final escatologicamente. Assim como Bultmann, Jeremias suspeita da Escritura e sua teologia é permeada pela busca do núcleo das palavras de Jesus que ele chama “*ipsissima vox*”, voz real de Jesus.

George Eldon Ladd é, de longe, o teólogo que mais dá atenção ao Reino de Deus em seus estudos. Ele aborda a distinção entre as concepções judaica e cristã do Reino de Deus, a diferença entre Reino e igreja e, talvez sua maior contribuição para a Teologia do Reino, a concepção da dualidade temporal do Reino de Deus. Enquanto a maioria dos teólogos e filósofos fala do Reino em um aspecto central (social, civil, político, moral, escatológico), Ladd tenta conciliar todos os aspectos do Reino de Deus e, assim, pode ser considerado, um precursor da Teologia do Reino de Deus. Seu livro *O Evangelho do Reino e sua Teologia do Novo Testamento*, apresentam um vasto conteúdo sobre o Reino de Deus. A conciliação da dualidade temporal, isto é, o Reino presente e futuro simultaneamente, é característico de Ladd. Isso foi visto na era medieval, em Aquino e Kempis, mas é mais aprofundado por Ladd. A sugestão de Ladd de que o Reino de Deus deve ser estudado a partir de todas as suas passagens literais é razoavelmente boa, contudo, há muitas evidências mais atuais de diversas passagens não literais que descrevem algum aspecto do Reino que não fora abordado por Ladd, político, social e estrutural, por exemplo.

O Reino de Deus na perspectiva de Jürgen Moltmann é escatológico essencialmente. Contudo, a Esperança é o cerne do cristianismo em si, a esperança do estabelecimento do Reino de Deus. Essa esperança projetada do futuro faz o cristão mudar sua postura no presente. Jürgen Moltmann divaga do tema quando faz uma abordagem triteísta do Reino a partir de Joaquim de Fiore. Por isso foi acusado por alguns teólogos de retomar a heresia triteísta, isto é, que Deus não é uma Trindade e sim três deuses. A despeito disso, o sentimento de esperança do estabelecimento final do Reino de Deus é um apelo interessante e uma base para uma mudança de vida com vistas a esse Reino. Pela esperança futura do Reino o cristão move suas escolhas morais no presente. Wolfhart Pannenberg também defende a Teologia da Esperança, porém, diferentemente de Moltmann, Wolfhart Pannenberg se afasta da ideologia socialista que permeia a teologia de Moltmann. Moltmann empregou a filosofia marxista de Ernest Bloch¹²⁷ como hermenêutica para interpretar o Reino de Deus. Isso configura o afastamento maior das teologias de Moltmann e Pannenberg. Após analisar as ideologias

¹²⁶ Quando a constituição e as leis são poucas e o contexto de comportamento é maior, cabe ao indivíduo julgar moralmente bem alguma situação. Um exemplo disso é o julgamento moral que José faz do adultério logo que é assediado pela esposa de Potifar.

¹²⁷ Ernst Bloch tentou realizar uma conciliação entre socialismo e catolicismo (SANTOS, Thomas Giulliano dos (Edit.). **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa, 2017, p. 26).

vigentes em sua época, Pannenberg ficou convencido de que nenhuma ideologia puramente humana seria capaz de trazer paz e justiça perfeita, isso só ocorre no Reino de Deus.

A diversas concepções históricas sobre o Reino de Deus fornecem uma visão interessante, porém, parcial na perspectiva da Teologia Bíblica. O maior problema não é a parcialidade histórica da concepção do Reino de Deus, antes, é o perigo de uma perspectiva do conceito por meio do emprego de ideologias. O emprego de ideologias na interpretação da teologia cristã resulta em tendenciosidade política, pois tudo terá de ser reinterpretado à luz exclusivista da ideologia do teólogo, configurando maior subjetividade e tendenciosidade. A dialética torna-se uma conversa de “comadres” onde não há contraposição de ideias, apenas citações de pensamentos concordantes a fim de justificar o ponto de vista do pesquisador. Isso se chama “politização da teologia”. É a teologia cristã servindo aos interesses de políticos e ideólogos, para os quais, o cristianismo não é um fim em si mesmo, antes, um meio de justificar determinada ideologia.

A politização do Reino de Deus é, até o momento, a maior subjugação da teologia ao secularismo, pois, a Hermenêutica Bíblica deixa se servir ao seu verdadeiro propósito – interpretar a Bíblia para fins puramente cristãos – e passa a ser escrava de um projeto de poder, maligno, sedutor e pretensioso sob o manto de uma falsa piedade. Parece que as palavras de Paulo ressoam e tomam um sentido mais que apropriado: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo” (Cl 2.8). Os teólogos que se dizem de esquerda – por ignorância ou parvoíce, não se sabe! – trocaram sua herança eterna por um reino político e secular, subvertido, escravizante e puramente humano.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Novo Século, 2003.

BARTH, Karl. **O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. Tradução de Josef Blustein. São Paulo: Novo Século, 2003.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

COMENIUS. **Didática Magna**. Aparelho crítico Marta Fatori; Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COURTOIS, Stephane; [et al.]; com a colaboração de Rémi Kauffer [et al.]. **O Livro Negro do Comunismo**: crimes, terror e repressão. Tradução Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

D'SOUZA, Dinesh. **A grande mentira**: expondo as raízes nazistas da esquerda. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Neto. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013.

HAYEK, Friedrich A. Von. **Os erros fatais do socialismo**. Tradução de Eduardo Levy. Barueri: Faro, 2017.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do Comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE, 2019.

KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas**: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. Tradução de Lucas G. Freire. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Sheed, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MISES, Ludwig Von. **Caos planejado: intervencionismo, socialismo, fascismo e nazismo**. Tradução de Beatriz Caldas. São Paulo: LVM, 2017.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia**. Tradução de Ivo Martinazzo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. V. 3. Tradução de Werner Fuchs. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2009.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.

REID, Daniel G. (Edit). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

SANTOS, Thomas Giulliano dos (Edit.). **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa, 2017.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas: filosofia prática para cristãos**. São Paulo: Hagnos, 2001.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WILLIAMSON, Kevin D. **O livro politicamente incorreto da esquerda e do socialismo**. Tradução de Roberto Fernando Muggiati. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

WURMBRAND, Michael. **Cristo ou a bandeira vermelha**. Equipe de tradução Voz dos Mártires. São Paulo: Voz dos Mártires, 1982.

WURMBRAND, Richard. **Era Karl Marx um satanista?** Tradução de Márcio E. Blay e A. Parisi. São Paulo: Lux, 2013.

WURMBRAND, Richard. **Torturado por amor a Cristo**. Tradução de Aquias Valasco. 11.ed. Curitiba: A Voz dos Mártires, 2005.